BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA

Série Diplomacia ao alcance de todos



8

ARAÚJO CASTRO

Coleção Divulgação – INCENTIVO A LEITURA - Distribuição gratuita

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2008

O organizador

Vamireh Chacon é Professor Emérito da Universidade de Brasília. Estudou e lecionou em universidades no Brasil, Alemanha e Estados Unidos. É autor dos livros, entre outros, *História do Legislativo Brasileiro* (Edições Técnicas do Senado Federal, Brasília), *A Grande Ibéria* (Unesp, São Paulo) e o prefácio da biografia *O Conde de Linhares*, de autoria do Marquês do Funchal (Thesaurus, Brasília).

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília – DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.**
SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Nota Biográfica

O diplomata brasileiro **JOÃO AUGUSTO DE ARAÚJO CASTRO**, conhecido como Araújo Castro, nasceu no Rio de Janeiro em 27 de agosto de 1919 e faleceu em Washington/DC em 9 de dezembro de 1975.

Graduou-se pela Faculdade de Direito de Niterói em 1941, porém um ano antes já havia ingressado por concurso público no Ministério das Relações Exteriores, conforme então permitia a legislação.

Em 1942 foi designado para participar da comissão brasileira junto à Missão Cooke, grupo de técnicos enviados pelo Governo dos Estados Unidos. Araújo

Castro veio a passar a maior parte da sua carreira diplomática neste país, em cuja política interna e externa veio a tornar-se especialista.

Em 1943 serviu no consulado do Brasil em San Juan de Puerto Rico, depois nos de Miami e Nova York. Nesta cidade passou a servir em 1951 na representação permanente do Brasil perante a Organização das Nações Unidas. De 1953 a 1958 esteve na embaixada do Brasil em Roma, quando foi nomeado para chefiar o Departamento Político e Cultural do Itamaraty, participando da Operação Pan-Americana preparada por Augusto Frederico Schmidt para o presidente Juscelino Kubitschek apresentá-la ao Governo dos Estados Unidos.

Em 1961 fazia parte da comitiva acompanhando o presidente João Goulart em visita oficial à República Popu-

lar, interrompida pela renúncia do presidente Jânio Quadros, retorno e posse de Goulart como seu sucessor. Este o nomeou secretário-geral do Itamaraty em 1963, logo em seguida ministro interino das Relações Exteriores, tendo chefiado a delegação do Brasil na XVIII Sessão da Assembléia Geral da ONU em Nova York, defendendo a descolonização, então se acelerando, bem como o desenvolvimento dos países recém-independentes juntamente com os vizinhos.

Em 1968, quando a intervenção militar no Brasil começava a reconhecer a necessidade de retomar a linha de política externa independente iniciada por Afonso Arinos de Melo Franco e San Thiago Dantas em 1962 na presidência Quadros, Araújo Castro retornou ao centro dos acontecimentos como embaixador do Brasil na ONU, assumindo a embaixada brasileira nos Estados Unidos em 1971, nela vindo a falecer em 1975.

Retorno da Política Externa Independente

Araújo Castro viveu uma das épocas mais complexas da História brasileira e mundial. No auge da guerra fria, entre Estados Unidos e União Soviética, cada bloco exigia alinhamento automático dos seus membros e tentava recrutar sempre mais, em crescentes expansionismos.

A primeira resistência organizada internacional veio em 1955 na Conferência de Bandung na Indonésia, onde se reuniram este país e outros, principalmente da África e Ásia, sob sua liderança e as da Índia e então Iugoslávia. O Brasil não compareceu oficialmente, porém, na presidência Quadros, 1962, Afonso Arinos de Melo Franco seu ministro das Relações Exteriores, depois San Tiago Dantas no mesmo cargo na presidência Quadros, iniciaram um caminho de auto-

nomização, denominado política externa independente.

A intervenção de 1964 na fase inicial se ligou mais de perto aos Estados Unidos e seu bloco. Contudo, as concretas desvantagens da unilateralidade logo se fizeram sentir. Foram sendo percebidas as vantagens práticas da diversificação dos circuitos econômicos internacionais e Araújo Castro foi o elo da retomada do caminho.

Araújo Castro ia além dos acontecimentos da época, via muito adiante: "o Brasil é um país condenado a um grande desenvolvimento nas coisas do nosso mundo e nas coisas do nosso tempo", pela enorme extensão do território, crescente população e muitas riquezas naturais a descobrir e explorar. Em meio à competição internacional, "Nada será fácil, porque o que se abre diante de nós é o áspero caminho da História."

Ele explica: "O nacionalismo [brasileiro] é uma atitude defensiva psico-

lógica de defesa, uma postura de nações que sentem necessidade de proteger a si mesmas do poder e influência de nações maiores". Portanto nada tem de ofensivo, diversamente das grandes potências ao longo da História: "O nacionalismo não é, para nós, uma atitude de isolamento de prevenção ou de hostilidade. É um esforço para colocar o Brasil no mundo, mediante a utilização de todos os meios e com o concurso de todos os países que queiram colaborar conosco no equacionamento e solução dos problemas mundiais". O realismo dos meios estava assim em Araújo de Castro a serviço do idealismo dos objetivos.

Com autocrítica, pois, "não somos obstinados nacionalistas, mas sim obstinados brasileiros". "Em toda a nossa História nunca recusamos grandes desafios de mudança. Na realidade, os acolhemos, pois confiamos que tais mudanças acelerarão nosso destino na direção de metas

preestabelecidas e predeterminadas, metas de segurança e desenvolvimento."

O Brasil deve posicionar-se contra o congelamento do poder mundial: "No cenário das Nações Unidas, perante a Assembléia Geral e perante o Conselho Econômico e Social, o Brasil tem procurado caracterizar o que agora se delineia claramente como firme e indisfarçada tendência no sentido do *congelamento do poder mundial*. E quando falamos de pode, não falamos apenas de poder militar, mas também do poder político, poder econômico, poder científico e tecnológico". A visão de Araújo Castro combinava grande objetividade impregnada por profundo humanismo. Ele percebia, por longa experiência pessoal internacional, a inseparabilidade dos componentes da sociedade brasileira e mundial. Não tinha ilusões, porém tinha muita esperança ativa pela direta ação política, para o qual o Brasil estava cada vez mais habilitado.

A teia de acontecimentos econômicos e políticos, e instituições montadas através dos séculos, sob a égide dos mais poderosos, continuava se projetando no presente, ao estabelecer distintas categorias de nações: países fortes, portanto, "adultos e responsáveis", e países fracos, portanto, "não-adultos e não-responsáveis". "Institucionaliza a desigualdade entre as nações e parece aceitar a premissa de que os países fracos se tornarão cada vez mais fracos".

O Brasil deve, portanto, ajudar a construir a interdependência mundial: "Ninguém põe em dúvida que o mundo tenderá a tornar-se cada vez mais interdependente. Ninguém põe em dúvida de que qualquer progresso sensível no campo internacional terá de ser motivado por concessões recíprocas de soberania. Tudo isso é verdade. O que, entretanto, sustentamos é que a interdependência pressupõe a independência, a emancipa-

ção econômica e a igualdade soberana dos Estados como condição prévia e indispensável".

Araújo Castro reconhecia, portanto, ser "essencial, mas não bastante, reafirmar este princípio de 'igualdade soberana dos Estados'. [...]. A proclamação da soberania não é suficiente se não for acompanhada pelo advento de condições que ocasionam o exercício completo daquela soberania plausível e possível. Uma nação politicamente independente, mas economicamente desamparada tem realmente pouco mais que o direito soberano à pobreza. Nosso propósito é ilustrar o fato de que o progresso nos campos políticos e jurídicos pode ser insignificante e frustrante se não acompanhado e complementado por um progresso social e econômico. O direito à soberania pressupõe o direito de exercício completo desta soberania em um contexto real, não legal".

Ele era um idealista quanto aos objetivos, porém muito criticamente um realista quanto aos meios, ao reconhecer que “O Poder Nacional de um Estado é determinado, de maneira preponderante e talvez de maneira decisiva, pela sua capacidade industrial. Já passou o tempo em que Spencer podia impunemente estabelecer distinções entre Potências militares Potências industriais”. Também “Para o Brasil o caminho mais rápido, mais direto para o fortalecimento de seu Poder Nacional é o próprio caminho de seu desenvolvimento econômico e expansão industrial. Não podemos desprezar outros fatores, de ordem política, militar ou psicossocial, mas seria, de qualquer maneira, irrealista e temerário desconhecer a preeminência desse fator econômico”.

Solidariedade Continental e Universalismo

Araújo Castro voltava sempre ao ponto de partida, que era também o de chegada, numa espiral ascendente da política externa brasileira: o idealismo ético de respeito à democracia, aos direitos humanos e defesa do meio-ambiente, no contexto de solidariedade continental aos vizinhos sul-americanos do Brasil, extensivo a todos os povos, naquela época em início de conscientização mundial, mas já presente em anteriores e seguintes declarações oficiais do Brasil nos vários foros internacionais, com se vê nas suas palavras conclusivas: "Agiremos sempre sem dogmas e sem idéias preconcebidas, e estamos dispostos a incorporar ao nosso esforço os esforços de outros povos e beneficiar nossa experiência com a experiência de todos os que queiram trabalhar conosco. Porque o desenvolvimento brasileiro não é apenas uma experiência na-

cional, mas uma grande experiência humana, que se integra no esforço de toda a humanidade, de que o Brasil não deseja dissociar-se".

A contribuição inspiradora de Araújo Castro incorporou-se ao patrimônio da política externa independente do Brasil, com seus predecessores e sucessores.

Fontes: os vários pronunciamentos completos estão em *Araújo Castro*, Editora Universidade de Brasília, 1982.



Araújo Castro

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.

www.funag.gov.br